



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **EJA E DEFICIÊNCIA: RESSIGNIFICANDO PARADIGMAS, BUSCANDO A EFETIVAÇÃO DA PROPOSTA DE INCLUSÃO ESCOLAR.**

**Aluska Peres Araújo**  
**aluskaperes@hotmail.com**

### **Resumo**

Este estudo recorte de dissertação de mestrado, tem como objetivo problematizar, a partir da voz do jovem e adulto com deficiência, o processo de inclusão na escola regular na modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos), tendo em vista a trajetória educacional desses sujeitos. Ouvir as vozes dos jovens e adultos com deficiência é explicitar a importância de esses sujeitos falarem sobre eles mesmos, rompendo com a condição de assujeitamento e invisibilidade social historicamente perpetuada. Buscando focar as vozes dos sujeitos com deficiência (entrevistas), situadas nos contextos escolares dos quais faziam parte (observações). Os dados revelaram que, mesmo em uma escola que direciona o trabalho na perspectiva de educação inclusiva, as práticas se revelaram engessadas e estereotipadas, onde as vozes são invisibilizadas por meio de uma visão incapacitante do sujeito com deficiência, inviabilizam a promoção da autonomia e do protagonismo frente aos diversos processos sociais.

**Palavras-chave:** Jovens, Adultos, Deficiência, Inclusão, Educação.

## **Introdução**

O presente artigo traz um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Experiências de Exclusão/Inclusão de Jovens e Adultos com deficiência na escola: Ouvindo Verdades*, pesquisa que teve como objetivo compreender, a partir das vozes dos estudantes com deficiência como se dava o processo de escolarização dos mesmos e como tais experiências influenciaram o progresso e a trajetória educativa desses sujeitos.

Neste recorte, a finalidade é discutir os desdobramentos do processo de inclusão escolar na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por acreditarmos nas possibilidades de maiores reflexões e direcionamentos nesse viés educativo atrelado ao contexto da deficiência e sua incipiência ainda presente na literatura.

Diante das inúmeras questões que permeiam as discussões no cenário contemporâneo, a dinâmica da instituição escolar se configura num dos grandes desafios para construção de sujeitos sócio e culturalmente mais conscientes de seus direitos.

Frente a essas indagações surge a proposta de Inclusão, que nas últimas décadas ganhou o status de lei, centrada na perspectiva de garantia de uma escola com igualdade de direitos para todos, equiparação de oportunidades, respeito e valorização das diversidades (BRASIL, 2008).

Porém, apesar de todo o avanço na legislação, inúmeros são os desafios enfrentados, tanto por parte das instituições como pelas próprias pessoas com deficiência, para que se possa assegurar/promover uma educação inclusiva de qualidade.

Nesse tocante, tratar da inclusão das pessoas com deficiência é assumir que todo o processo educacional é arraigado de experiências de exclusão, inviabilizando as iniciativas pontuais que visam o êxito escolar dessas pessoas, isso se caracteriza pela falta de compreensão acerca das diferenças, ocasionando práticas privativas e discriminatórias.



Assim, as pessoas com deficiência, frente a esse paradigma, são tomadas de modo a conviverem com um processo de padronização e homogeneidade em sua escolarização, reforçando a ideologia da normalidade, desconsiderando-as enquanto sujeitos (DORZIAT, 2008).

Nesse contexto, a busca por relacionar as questões de juventude e aprendizagem na fase adulta, deficiência e educação em um só campo de investigação, a partir das vozes desses sujeitos, pode proporcionar pistas para o embasamento de novas perspectivas de atuação e transformação da realidade educacional da EJA (Educação de Jovens e Adultos), atrelada a perspectiva de inclusão, apresentando-se assim o objetivo do presente estudo reflexões para a superação de limitações, impossibilidades atribuídas a essas pessoas, desvantagem social, invisibilidade, falta de oportunidades, vulnerabilidade, o que exige o enfrentamento dos desafios que ainda hoje negam a esses sujeitos o acesso pleno a educação, como direito garantido a todos indistintamente.

## **Referencial Teórico**

Voltada para o âmbito educacional, foco principal deste estudo, a Inclusão centra-se na perspectiva de garantia de uma escola com igualdade de direitos para todos, equiparação de oportunidades, respeito e valorização das diversidades (BRASIL, 2008).

Neste panorama, à escola que se reconhece como espaço educativo inclusivo entende que não basta tão somente receber os estudantes com deficiência, mas desenvolver práticas educativas que contemplem tais premissas, entendendo que cabe a escola o seu ajustamento para o atendimento de todos, para além da simples integração (MANTELATTO, 2008).

Assim, a política de educação inclusiva pressupõe ações de reconhecimento da voz, não só do estudante com deficiência, mas de todos. Essa abordagem é fundamental no processo de construção das diretrizes de ensino e aprendizagem e na reconfiguração da política de educação inclusiva, uma vez que em sendo reconhecidos como protagonistas de suas ações, os estudantes são capazes de oferecer contribuições e



vivências determinantes para o nascimento de experiências educacionais inclusivas (SASSAKI, 2011).

Em se tratando de jovens e adultos com deficiência, discutimos a necessidade de uma educação básica capaz de estabelecer um diálogo com as noções e representações sobre a inclusão, concretizando propostas que contemplem esses estudantes em suas especificidades educativas, visando seu acesso e permanência na escola, ocasionando assim a transformação dos sistemas de ensino.

Ao rever o cenário da educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, observamos que tal movimento, como política educativa, se faz presente a partir da década de 1940, como uma inquietação proveniente da busca pela escolarização da população, em particular das camadas excluídas historicamente do acesso à educação, ganhando força a partir dos estudos de Paulo Freire, nos anos 60 e solidificando-se nos anos 80 frente à identidade pedagógica, adequação das posturas e práticas (DI PIERRO et al, 2011).

A EJA que realmente atenda às necessidades reais de seus agentes é aquela pautada numa educação a qual os torna críticos e conhecedores de seus direitos e de fato empodere os sujeitos, colocando-os no centro do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse viés discursivo associar o contexto da EJA, já em sua essência discriminatório e excludente ao da deficiência implica enfocar uma dupla vulnerabilidade no processo de escolarização, a qual se dá pela somatória da descaracterização desse modelo educativo à questão da deficiência, perpetuada ao longo da história pelo paradigma da incapacidade e da anormalidade.

De acordo com Ferreira (2009), apesar de a EJA ser considerada como modalidade de destaque nas políticas educacionais, seu viés relacionado ao quesito deficiência na rede regular de ensino caracteriza uma nova vertente educativa de investigação, pois mesmo no interior das instituições de ensino, a invisibilidade, a segregação e as posturas de menos valia quanto à capacidade de aprendizagem constituem características dos jovens e adultos com deficiência analfabetos.



Essa característica (ser jovem ou adulto analfabeto) é cada vez mais comum em função de inúmeros entraves, que fazem com que muitas pessoas com deficiência não tenham acesso à escolarização quando crianças ou a iniciam de maneira fragmentada, desse modo alcançam a idade adulta sem uma educação funcional, fortalecendo a exclusão educacional, permanecendo às margens na experiência escolar condicionando os sujeitos a uma escolarização inferior, pautada em ações assistencialistas, ações e práticas pedagógicas sustentadas pelo caráter infantil (FERREIRA, 2009).

Segundo Carvalho (2006, p. 07), tal simplificação acarreta por consequência a simplificação das capacidades do sujeito impossibilitando avanço das potencialidades e transformação de desempenho.

Tais posturas poderiam ser denominadas de assujeitamento que colocam os jovens e adultos com deficiência na condição de aceitação total, ou seja, por terem vivenciado ínfimas experiências de escolarização ou mesmo por nunca terem frequentado uma escola, consideram como eficientes quaisquer condições educacionais que lhes sejam oferecidas.

Diante de tal fragilidade que potencializada quando associamos EJA e deficiência, compreendemos que a educação somente será eficaz na vida dessas pessoas na medida em que a escola direcione suas ações para uma postura inclusiva, pautada em mudanças culturais e metodológicas que promovam a educação para todos. Trata-se uma educação na qual todos os estudantes aprendam juntos, independentemente das dificuldades e das diferenças.

Nesse sentido, compreendemos que muitas são as rupturas necessárias para que a efetivação da EJA (processo em construção) aconteça de forma consistente, numa perspectiva de educação coerente e escolarização de fato progressista e em particular para os estudantes com deficiência, visto que a praxe que rege a maioria dos espaços educativos e escolares não reflete um sistema real de escolarização e aprendizagem evolutiva de seus agentes. Invés de valorizar e evidenciar as potencialidades destes estudantes impossibilita seu desenvolvimento, limitam suas possibilidades, o que desencadeia para estes um processo de múltipla vulnerabilidade.



## **Metodologia**

A investigação se insere na abordagem qualitativa, que de acordo com André (2005, p.47) “[...] se fundamenta numa perspectiva que valoriza o papel ativo do sujeito no processo de produção do conhecimento e que concebe a realidade como uma construção social”, adotando como método de pesquisa, o Estudo de Caso para embasamento das discussões e os dados analisados, apresentando como sujeitos jovens e adultos estudantes da EJA de uma escola da rede regular de ensino, campo de estudo, apresentando idades entre 24 e 41 anos, matriculados nos ciclos I e II, na sala regular com apoio do AEE (Apoio Educacional Especializado).

Visando obter os resultados e alcançar os objetivos propostos na pesquisa utilizou-se como os instrumentos de coleta de dados: um questionário estruturado para levantar os dados gerais dos participantes (nome, idade, série, tempo de escolarização), um roteiro de entrevista semiestruturada (gravada com autorização) que direcionou os posicionamentos dos sujeitos e observação contínua não participante da realidade educacional na comunidade escolar.

## **Análise dos Dados**

Aspirando propiciar o melhor tratamento dos dados obtidos e reforçar a sua relevância para a problematização da temática da educação das pessoas com deficiência, particularmente jovens e adultos, a metodologia empregada na análise dos dados se configurou em combinação de duas técnicas: a análise do conteúdo das entrevistas e a observação da realidade educativa na qual os sujeitos de pesquisa se encontravam.

Os dados foram organizados por meio da transcrição das falas dos sujeitos, respeitando a fidedignidade do que foi relatado, leitura fluente para identificação dos grupos comuns nas falas e reconhecimento dos Temas pertinentes para o estudo em questão (BARDIN, 2004), correlacionados com as observações.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, as falas frente ao processo de escolarização referente ao progresso e trajetória educativa, foram agrupadas nas seguintes temáticas: 1- Relação professor-aluno, 2- Desenvolvimento das atividades extraclasse, 3- Dificuldades de acesso e permanência, 4- Acolhimento pela comunidade escolar, 5- Percepção frente ao processo de ensino e aprendizagem, 6- Processo avaliativo, 7- Atendimento Educacional Especializado e 8- Visão sobre a deficiência.

No aspecto *'Relação professor-aluno'* ao entendermos esse ser um ponto de extrema relevância para o processo de escolarização (LIMA et al. 2007) os estudantes relataram aspectos positivos sem entraves, pois *'sentiam-se bem'* na escola:

*"Eu gosto sabe menina, sempre gostei de estudar, sempre gostei das professoras, sempre foram gentil [sic] comigo, nunca nenhuma me deu [sic] trabalho." (Fala dos estudantes)*

Na temática *'Desenvolvimento das atividades extraclasse'*, compreendendo que a educação inclusiva visa à plena participação de todos não só nas atividades de sala de aula, mas em todo o contexto as respostas obtidas no que se refere à participação na rotina da instituição, os estudantes com deficiência não encontraram nenhum entrave para o envolvimento nessas práticas (pautadas em situações não formais e de entretenimento) porém os discursos não retrataram o papel educativo formal.

*"Eu participei uma vez, assim, dia de semana santa [...] Participo [...] Fui para o shopping, com a escola."  
"Participo. Passeio do São João." (Fala dos estudantes)*

Quanto às *'Dificuldades de acesso e permanência'*, garantido por lei, o acesso à escola deve ser assegurado, não havendo nenhuma restrição (MANTELATTO, 2008), nos discursos e observações, constatou-se a efetivação da matrícula e acesso sem restrições.

*"Graças a Deus me receberam bem [...] até agora, problema nenhum, até porque, as professoras e as diretoras sempre se deram bem comigo." (Fala dos estudantes)*



Frente ao *'Acolhimento pela comunidade escolar'* o olhar, as expectativas da instituição para o processo de escolarização são fatores preponderantes para o in/sucesso dos estudantes (LIMA et al, 2007) os relatos apresentaram aspectos positivos, mas nas observações encontramos entraves principalmente na sala de aula regular, onde as interações eram fragmentadas delimitando-se a professora.

*“Recebeu bem, tudinho bem, graças a Deus. Minha professora é muito legal.” (Fala dos estudantes)*

A *'Percepção frente ao processo de ensino e aprendizagem'*, tomando como base a política que visa garantia de direitos, procurou-se entender como ocorriam a realização das atividades escolares (práticas metodológicas e pedagógicas), assim as falas dos sujeitos evidenciam que as atividades eram diferenciadas dos demais estudantes, presença de um currículo global, universal e padronizado.

*“Diferente [...] Porque a professora manda eu fazer diferente também, das dos meninos [...] Tiro do quadro, boto (sic) no caderno.” (Fala dos estudantes)*

Diante do *'Processo avaliativo'* a LDB/96 sinaliza que a avaliação deve acontecer de maneira contínua e com resultados construídos em longo prazo, evidenciando o desenvolvimento dos discentes. As vozes dos sujeitos demonstraram que os mesmos não possuíam conhecimento real sobre do processo mesmo com a avaliação existindo.

*“Nunca fiz não. Já tentei passar, mas nunca passei por prova não [...] Eu não sei por qual motivo, e nem por qual razão, sabe, mas tudo o que eles pedem pra eu fazer, eu faço, todas as atividades.”*

*“Nunca, nunca me interessei pra fazer prova [...] Porque eu não gosto de, de fazer [...] eu não sei fazer essas provas.” (Falas dos estudantes)*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*'Atendimento Educacional Especializado (AEE)'*, garantido por lei para assegurar o suporte ao processo educacional regular, com uma função adicional ou de suplementação do ensino (FERREIRA, 2009), os discursos revelaram atividades infantilizadas com padrões lúdicos e recreativos que simplificam as especificidades dos estudantes, minimizando as potencialidades e capacidade de progresso escolar (CARVALHO, 2006).

*"Sim. Computador, pintura, recorte."*

*"Sim, faço ditado, sou ótima em ditado, adoro computador [...] pinto, recordo... eu me sinto muito bem aqui." (Falas dos estudantes)*

No tocante a *'Visão sobre a deficiência'* por décadas, a educação das pessoas com deficiência restringiu-se a práticas de segregação e institucionalização que impediam a participação dessas pessoas na sociedade (FERREIRA, 2009), as vozes dos estudantes não apresentavam entraves na participação na escola pela ótica da deficiência mostrando uma realidade distinta de inclusão escolar.

*"Em algumas coisas né [sic] porque [...] é quem nem eu lhe disse, conta eu não sei fazer [...] Leitura, porque essa é minha pior dificuldade que eu tenho [sic]... eu era pra aprender isso de pequeno né [sic], mas me colocaram depois de grande."*

*"[...] quando descobria [sic] que eu tinha problema, minha mãe descobriu depois de grande, algumas escolas me aceitavam outras não." (Falas dos estudantes)*

E por fim, *'Impacto das experiências de exclusão'* reconhecendo que os processos de exclusão escolar são notórios quando tratamos da educação das pessoas com deficiência e fundamental entender esses impactos, assim as vozes dos estudantes relataram que nenhuma situação excludente apresentou-se como impedimento educativo, tal negativa permitiu uma leitura sobre o que estava implícito nos discursos, e por meio da observação constatou-se que embora a escola se constituísse



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

positivamente no sentido de acolhimento e acesso, não era exigia uma educação escolarizada garantindo progresso, não havendo pelos estudantes essa compreensão.

*“Não, não. Na escola sempre me dei bem, porque já estudei em vários cantos, né [sic]”.*

*“Aqui me entendem.” (Falas dos estudantes)*

### **Considerações Finais**

Este estudo foi realizado com objetivo de analisar, a partir das vozes dos jovens e adultos com deficiência, as experiências de inclusão vivenciadas na escola regular, no sentido de compreender as percepções desses sujeitos frente à sua trajetória educacional.

As falas dos sujeitos sobre a problemática em questão se configuram ainda como produto de contextos de descaso, na medida em que *não possuem posicionamento crítico frente a seu processo escolar* (grifo nosso). Essa trajetória histórica não tem lhes permitido avaliar de forma profícua o contexto em que estão inseridos, reproduzindo um modelo de educação de caráter compensatório pautado na integração como possibilidade de escolarização, em que as práticas educativas voltadas para a inclusão encontram-se ainda alicerçadas em bases frágeis, uma vez que as ações mais amplas não têm sofrido um devido movimento de ressignificação.

Mais do que as vozes audíveis, as silenciadas pelos jovens e adultos da pesquisa nos despertaram para a percepção das subjetividades construídas pelos processos sociais e discursivos. Os dados mostraram que a escola, enquanto representante importante nesses processos tem contribuído para essa elaboração, na medida em que, através de suas construções discursivas, captura os sujeitos, fazendo-os reproduzirem percepções já cristalizadas.

As vozes dos jovens e adultos com deficiência, silenciadas pela incompreensão de seu papel enquanto sujeitos, denunciam a urgência de novas visões e reflexões sobre como a educação vem sendo construída na escola. É preciso romper com os estereótipos



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

incapacitantes para com as pessoas com deficiência, para entendê-las como pessoas de direitos.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Série Pesquisa. Brasília: Liber Livro, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Ed. 70, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CARVALHO, M. F. Reflexões sobre a inclusão de jovens e adultos com deficiência na EJA. FE-USP, 2006. Disponível em: <<http://www.alb.com.br>>. Acesso em: junho. 2012

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRA, V. M. **Visões da Educação de jovens e adultos no Brasil**. Caderno Cedes, ano XXI, n. 55, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: julho de 2012.

DORZIAT, A. B. M. **Políticas e Práticas Inclusivas**. Estudo Comparativo Brasil-Portugal. Relatório de Estágio Pós-Doutoral, realizado na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa/Portugal, 2008, 115 p.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FERREIRA, W. B. **EJA e Deficiência**: estudo da oferta da modalidade EJA para estudantes com deficiência. In: AGUIAR, M. A. S. (Org.) et al. Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas. Recife, PE: J. Luiz Vasconcelos Ed, 2009. P. 75-121.

LIMA, F. J. et al. **O dito na fala de quem não o diz**: uma questão de inclusão. [S.I.]: Centro de Estudo Inclusivos, 2007. Disponível em: <<http://www.saci.org.br>>. Acesso em: 20 set. 2010.

MANTELATTO, J. Caminhos para Inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.14, n.1, p.155-156, jan./abr. 2008.

SASSAKI, R. K. **Nada Sobre Nós, sem nós**: Dá integração à inclusão. 2011. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com.br>>. Acesso em: Abril de 2012.

SILVA, T. **Inclusão e Exclusão de deficientes na sociedade**. 2006 a. Disponível em: <<http://recanto das letras. br>>. Acesso em: 15 ago. 2010.